

Valor
Setorial

Junho 2017
www.valor.com.br

INFRAESTRUTURA



CONVITE AO CAPITAL PRIVADO

**ATUAÇÃO DAS ESTATAIS SERÁ REDUZIDA VIA PRIVATIZAÇÃO,
CONCESSÃO OU PARCERIA PÚBLICO-PRIVADA**

PAÍS TERÁ DE LIGAR AS TÉRMICAS

Mesmo com queda de consumo por causa da crise, usinas a gás terão de ser acionadas devido ao volume insuficiente de água nos reservatórios das hidrelétricas Por Vladimir Goitia

Não há risco de déficit de geração de energia neste ano, apesar de o nível médio dos reservatórios não estar confortável. A conclusão é quase unânime entre especialistas e entidades do setor de empresas de geração. Alexei Vivan, diretor-presidente da Associação Brasileira de Companhias de Energia Elétrica (ABCE), afirma que o arrefecimento da economia é o fator que faz acreditar que esse risco está afastado. Mas, afirma ele, “não é possível prever o comportamento no ano que vem, porque dependerá do próximo período úmido e da recuperação da economia.”

Para Alan Zelazo, sócio da Focus Energia, consultoria que atua no mercado livre (consumidores, geradores e comercializadoras), não existe risco de abastecimento em nenhum subsistema. “O que devemos ter é uma operação com maior

despacho térmico devido aos baixos níveis dos reservatórios.” Segundo ele, o Brasil está hoje com uma carga que consegue ser atendida com geração térmica e eólica e com a utilização dos reservatórios das regiões Sul e Sudeste. “Portanto, não vemos risco de déficit ou abastecimento.”

De acordo com Roberto D'Araújo, do Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Elétrico (Ilumina), a carga total do sistema interligado nacional continua estagnada no patamar de 45 mil GWh por mês. Para o engenheiro, se o Brasil não estivesse na “marcha a ré” da economia, o consumo estaria em torno de 49 mil GWh. “Isso significa que a carga reduziu 10% em relação às projeções que definiram leilões no passado recente. E nem assim recuperamos nossa poupança energética dos reservatórios”, critica D'Araújo.

Na primeira semana de junho, de

acordo com o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), o nível dos principais reservatórios das regiões Sudeste e Centro-Oeste estava com 43,3%. O Sul e o Norte tinham situação bem mais confortável, com 87,5% e 65% respectivamente; enquanto o Nordeste mostrava quadro mais crítico, com apenas 19,4%. Por isso, Vivan avalia ser recomendável o acionamento de térmicas para evitar riscos no abastecimento de energia elétrica, em vista desses níveis nos reservatórios, que, na avaliação dele, não conseguiram recuperar-se mesmo com as chuvas dos últimos períodos úmidos. “O período de chuvas não teve volume de água suficiente para recuperação dos reservatórios em níveis seguros, porque estavam excessivamente baixos com a crise hídrica de 2014.”

A Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Energia



Vivan, da ABCE: sem risco de falta de energia

Elétrica (Apine) também afasta eventuais riscos de déficit de energia, embora acredite que a geração hidrelétrica será inferior à garantia física total das usinas do mecanismo de realocação de energia (MRE), que visa ao compartilhamento dos riscos hidrológicos que afetam os agentes de geração, buscando garantir a otimização dos recursos hidrelétricos do Sistema Interligado Nacional (SIN). “Mas não há déficit de energia para atendimento ao mercado, porque o sistema conta com outras fontes energéticas como térmicas e eólicas”, afirma Guilherme Velho, presidente da entidade. Para ele, a possibilidade de acionamento de termelétricas, o risco de déficit é mínimo.

Sobre novos investimentos no setor elétrico, Vivan, da ABCE, afirma que não foram interrompidos, mas não estão na velocidade e volume necessários devido às incertezas no

quadro político do país, insegurança jurídica e instabilidade regulatória. “Acredito que há uma preocupação importante por parte do governo federal, que tem adotado medidas para dar estabilidade ao setor e impulsionar investimentos”, afirma ele. “Exemplo disso foi a melhoria do retorno sobre os investimentos nos leilões de transmissão e o estudo em curso no âmbito do Ministério de Minas e Energia para revisão do modelo setorial.”

Outra boa sinalização por parte do governo, segundo Vivan, é o plano de privatização de seis distribuidoras da Eletrobras (Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima, Alagoas e Piauí), previstas para o fim do ano se tudo andar como o esperado. “Sem dúvida, essa sinalização proporcionará investimentos nas concessões, mais eficiência na gestão delas, recursos para a Eletrobras, além de tra-

zer alívio financeiro para a empresa, que tem tido restrições de caixa para investir”, destaca. Para Velho, da Apine, o êxito na privatização dessas empresas sinalizará o interesse e a confiança dos investidores no setor elétrico brasileiro.

Velho acrescenta ainda que, no momento, há sete hidrelétricas (UHE) em construção, que gerarão quase 10 mil MW. Entre elas, Belo Monte, com 13 turbinas de 611 MW cada uma, que ainda precisam entrar em operação (cinco turbinas de 611 MW já estão gerando energia). As outras são: São Manoel (quatro turbinas de 175 MW), Colider (três turbinas de 100 MW cada), Sinop (três turbinas de 133 MW cada), as três hidrelétricas no rio Teles Pires (MT); Baixo Iguaçu (três turbinas de 117 MW cada), Capanema e Santa Branca (PR); e Itaocara, no Rio Paraíba do Sul (RJ).